

## Ex-Votos às Ninfas em Portugal.

Por J. R. dos SANTOS JUNIOR  
y MARIO CARDOZO.

A expansão na Península Hispânica dos cultos consagrados às divindades do Panteão romano, revelada em numerosos textos epigráficos dedicados a *Júpiter, Diana, Minerva, Juno, Marte, Ceres*, etcétera, e bem assim dos cultos de origem oriental que as relações militares, comerciais e políticas do Império com os povos da Ásia e de África haviam introduzido em Roma — cultos a *Serapis, Isis, Cibele, Mitra*, etc.— não logrou dissipar, na religiosidade ancestral do íncola do Ocidente, os cultos que, anteriormente à Romanização, ele rendia aos seus antigos deuses locais. Por esta razão se encontram com frequência nas inscrições votivas peninsulares nomes bárbaros latinizados respeitantes a muitas das divindades indígenas, que tinham culto nos primitivos santuários ibéricos — como *Aernus, Bormanicus, Erudinus, Durbedicus, Bandua, Endovelicus, Coronus, Nabia, Vibonus*, etc.— e que o invasor, tolerante e destituído da fobia iconoclasta, hábil na sua política de domínio, se limitou a integrar nas fórmulas rituais do culto romano, evitando ferir as crenças locais, secularmente arraigadas, e identificando simplesmente aos deuses do Lácio as divindades ibéricas de atributos similares. Como testemunho desta dualidade simultânea de crenças nos deuses romanos e nos indígenas, durante e após a Romanização da Península, pode-

mos citar, por exemplo, a passagem de Estrabão (I) em que o historiador grego nos diz que os Lusitanos sacrificavam a um deus local de índole guerreira, semelhante ao *Ares* grego, o qual, por sua vez, correspondia, em atribuições e domínio espiritual, ao *Marte* romano, que na Hispânia era igualmente venerado.

E assim, o culto aos deuses latinos, que os legionários, os mercadores e os viajantes romanos praticavam e introduziram na Península, foi, paralelamente aos cultos indígenas, ganhando também seus devotos e criando raízes, no decorrer dos tempos, entre as populações locais, quer por motivo de estas reconhecerem as virtudes miraculosas de algumas dessas divindades estrangeiras mas de carácter benéfico, quer pelo temor dos malefícios que outras poderiam desencadenar.

Entre as divindades do vasto Olimpo, repleto de génios, numes e espíritos, benévolos ou infernais, do Panteão greco-romano, tiveram também seu culto na Península as celebradas *Ninfas*, que corporizavam divinizações das forças criadoras, exuberantes e fecundas da Natureza. Os Romanos identificaram as *Ninfas* às *Náiades*, que reinavam no seio das águas doces e tranquilas. Na sua materialização iconoplástica, eram representadas figurando virgens, por vezes com os cabelos soltos ao vento, o busto formoso e desnudo, as pernas envoltas nas dobras ondulantes da túnica, ora numa atitude indolente e reclinada, personificando o curso de um rio que deslissasse mansamente em seu leito espriado na planície, ora de pé, segurando graciosamente uma urna que despejavam, como fonte da vida, em larga taça ou concha de água (2).

Estas divindades desempenhavam na mitologia greco-romana um papel especialmente acolhedor e benévolo. Pertenciam, como ensinou Leite de Vasconcelos, à "classe dos espíritos divinos do género feminino, que povoavam os bosques, as montanhas, as águas, e habitavam principalmente as fontes" (3). De certo modo, seriam também as

---

(1) Estrabão, *Geografia*, III, 3, 7.

(2) Um curioso exemplar escultórico, representando uma Ninfa na atitude clássica descrita, existe em Espanha, na célebre patera argêntea onde figura a *Ninfa Umeritana*, ou seja, das águas salutares de Umeris. Esta localidade é hoje ignorada, e a patera foi encontrada em Otañes (Santander), no fim do século XVIII. Esta magnífica peça de torêutica proto-histórica, cujo valor e importância são incontestáveis sob o ponto de vista etnográfico, pelas curiosas cenas nela esculpidas relacionadas com o culto e a utilização daquelas águas, tem hoje uma larga bibliografia, que o Prof. García y Bellido cita no seu trabalho recente *Cantabria Romana*, apresentado à Universidade Internacional Menéndez Pelayo (Santander, 1952).

(3) LEITE DE VASCONCELOS. *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, vol. II (1905), 192, e III (1913), 255.

companheiras ou irmãs das *Matrae*, igualmente “deusas de caracter benéfico, e, ao que parece, dispensadoras da abundância e protectoras dos campos, dos bosques e talvez das fontes e dos lugares” (4). Com estas últimas confundiram os Romanos as *Fatae* (5), essas lindas Fadas benfazejas, que ainda hoje embalam e povoam, com sua varinha de condão, os maravilhosos sonhos da ingenuidade infantil. Igualmente as *Mouras encantadas*, que a imaginativa popular acredita existirem por esses montes, guardando tesouros deslumbrantes encerrados no interior dos penedos, a que, em certos dias do ano, nomeadamente nas manhãs de S. João, aparecem sentadas ao sol, em lugares ermos, a pentear suas longas tranças com pentes de ouro —terão, por sua vez, certo grau de parentesco, que os séculos vão desvanecendo mas não conseguem apagar, com as *Nymphae* e as *Fatae* dos velhos tempos (6).

Simbolizavam as Ninfas, como dissemos, as forças naturais, a eterna renovação criadora da vida. *Náiades* ou *Ninfas* das fontes, *Sereias* (7), *Nereides* ou Ninfas do mar, eram, como as *Ondinas* da mitologia nórdica, divinizações de caracter panteísta. As Ninfas habitavam não só as fontes, mas povoavam também o cenário edénico dos lagos profundos e tranquilos, dos prados tapetados de esmeralda, dos cimos nimbados de luz, das grutas misteriosas, dos bosques sagrados por onde serpenteavam límpidos regatos murmurantes. Nestas deusas complacentes ficou personificada, através dos séculos, a gracilidade esbelta das virgens moças e formosas que palpitarão nos poemas, desde Homero a Camões, tomaram forma no mármore ou no bronze, e, fazendo parte do séquito amoroso da Venus clássica, povoaram as telas famosas dos grandes pintores da Renascença (8). Foram célebres na antiguidade muitas fontes habitadas pelas Ninfas, de que nos deixaram noticia os poetas e os escritores clássicos, como a de Hipocrene, a da Ninfa Aretusa, a da Porta Capena, em Roma, etc. A veneração das fontes foi um dos cultos mais importantes de toda a mitologia romana. *Fons*, *Fontus* ou

(4) LEITE DE VASCONCELOS. *Ob. cit.*, II, 175 e III, 196.

(5) LEITE DE VASCONCELOS. *Ob. cit.*, II, 178 e III, 312.

(6) MARTINS SARMENTO, *Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães*, in *Revista de Guimarães*, vol. XIII (1896), 11.

(7) Sobre as *Sereias*, o médico e etnógrafo portuense Dr. Fernando de Castro Pires de Lima publicou ultimamente um livro, com prefácio de Marañón, intitulado *A sereia na história e na lenda* (Porto, 1952, 206 p.)

(8) Entre os artistas da primeira metade do século XIX, uma das mais belas representações de ninfas é devida ao pincel do pintor francês Ingres, no conhecido quadro *La Source*.

*Fontanus* representavam o *genius* ou *numen aquae*, isto é, o espírito divino que residia nas nascentes de água potável. Eram as fontes anualmente festejadas em Roma com as cerimónias religiosas chamadas *Fontanalia*, durante as quais se engrinaldavam e lançavam flores às fontes e poços públicos.

Devemos notar que o culto das águas não só apresenta na Península um carácter de autoctonismo (9), que precedeu de muitos séculos a introdução dos cultos romanos, como tais crenças sobreviveram durante um extenso período à época proto-histórica. Ainda hoje é muito frequente o nome de *Fonte Santa* designando nascentes a que o povo atribui propriedades curativas ou milagrosas. E as virtudes profiláticas das *orvalhadas* da noite de S. João não são mais que reminiscências de velhos cultos desaparecidos. Em muitas terras de Trás-os-Montes temos conhecimento de fontes que o povo nomeia, atribuindo às suas águas qualidades singulares, as mais das vezes curativas de várias moléstias de pele, como sucede com a Fonte Santa de Lagoaça (Concelho de Freixo de Espada à Cinta), a Fonte do Gago, Carviçais (Concelho de Moncorvo), cuja água cura sezões, a Fonte do Gogo na freguesia da Açoreira (Concelho de Moncorvo) que na noite da véspera de S. João, estando com pouco água até à meia noite, entra nesta hora a lançar água com muita abundância até o nascer do sol, e diz o povo que este facto, certificado por muitos, é acrescido da virtude curativa das águas, pois muitas pessoas lavando-se nelas tem experimentado melhoras nos seus padecimentos. Perto de Freixo de Espada à Cinta, na base do cabeço de S. Braz, existe, à borda do caminho, a Fonte de Mé Nunes. Diz o povo que um homem de fora da terra sonhara que junto daquela fonte havia uma mina de ouro. Veio a Freixo, procurou, achou a mina e abalou com o tesoiro para Lisboa, onde chegou riquíssimo. No sitio deixou esta quadra:

Adeus Fonte de Mé Nunes  
Quem te dever que te pague,  
Que eu dentro de ti achei  
O valor duma cidade.

Poderiam multiplicarse os exemplos desta persistência, embora

---

(9) FORENTINO CUEVILLAS e RUI DE SERPA PINTO, *Estudos sobre a Edade do Ferro no NW da Península - A Relixión*, in *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Santiago de Compostela, vol. VI (1933-35), p. 22.



**Fig. 2.** — Ara de Tagilde (Minho)



**Fig. 1.** — Ara de Guimarães (Minho)

(No Museu de "Martins Sarmento").





Fig. 3. — Ara de S. João de Ponte (Minho).  
(No Museu de "Martins Sarmento").



Fig. 4. — Ara da Vilarica (Tras-os-Montes).



desvanecida, do antigo culto das águas nas tradições populares (10). As práticas rituais primitivas destas devoções religiosas ainda no século VI da era cristã eram conservadas integralmente entre muitas populações da Península, apesar da expansão do Cristianismo, pois sabemos, por exemplo, que S. Martinho de Dume, na sua evangelização do território bracarense, condenava as superstições heréticas arraigadas no povo, que continuava mantendo a crença nas Ninfas e noutras divindades do Panteão romano e dos anteriores cultos indígenas (11).

Velavam as Ninfas, sem dúvida, por todos os mortais que ao seu poder recorriam, mas especialmente pelas reparigas, pelas noivas e pelas jóvens esposas. Era-lhes dedicado, por certo, um fervoroso culto pelos devotos que aos seus pequenos templos (*nymphæa*) grutas naturais, fontes e nascentes de águas termas iam depor as oferendas votivas (12), e queimar essências aromáticas nas humildes aras de granito, cujas legendas diluídas, quase apagadas, ainda hoje nos facultam um sugestivo testemunho desses tempos remotos em que as águas tinham caracter sagrado (13).

Além das Ninfas, outros espíritos divinizados presidiam na Península ao culto das águas, fôsem águas comuns ou medicinais, quer esses espíritos pertencessem ao Panteão clássico, como a deusa

---

(10) FLORENTINO CUEVILLAS. *O culto das fontes no noroeste hispânico*, in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, vol. VIII (1935), p. 73 ss.

(11) S. MARTINHO DE DUME. *De Correctione Rusticorum*, 8, 209-220: "...Praeter haec autem multi daemones ex illis, qui de caelo expulsi sunt, aut in mari, aut in fluminibus, aut in fontibus, aut in silvis praesident, quos similiter homines ignorantes deum quasi deos colunt et sacrificia illis offerunt. Et in mari quidem Neptunum appellant, in fluminibus Lamias, in fontibus Nymphas, in silvis Dianas..."

(12) É notável, em Espanha, o monumento soterrado, descoberto em 1926 na freguesia de Santa Eulalia de Boveda, perto de Lugo, considerado um *nymphaeum* da época romana, mais tarde adaptado ad culto cristão, talvez por volta do século IX, segundo o Prof. Helmut Schlunk. Vide o recente e bem documentado estudo de MANUEL CHAMOSO LAMAS, *Sobre el origen del monumento soterrado de Santa Eulalia de Boveda (Lugo)* in *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Santiago de Compostela, tomo XXII (1952), p. 231 ss.

(13) O Dr. Alberto Souto, director do Museu Regional de Aveiro, no seu trabalho *A história, o drama e a graça da água* (Aveiro, 1930, 70 p.), que é uma verdadeira oração "à mãe de toda a vida, nossa mãe portanto", diz que a água deu Ninfas às fontes e aos rios e fez o deus do mar, e bem merecia ser entronizada e adorada como grande deusa.

*Fontana*, das Caldas de Monte Real (14), quer se tratarse das primitivas divindades indígenas protectoras das fontes, como a deusa *Nabia*, que em Braga e noutros lugares foi venerada (15), quer dos *Gênios* e *Numes* das teogonias pré-romanas, que habitavam as nascentes termais, como o *Bormânico* das Caldas de Vizela (que alguns identificaram ao deus lígure *Bormo* ou *Borvo* (16) ou como o *Edovius* de Caldas de Reyes (17), quer finalmente dos deuses que tinham seus domínios na profundidade das águas sagradas de certos rios, como o *Tameobriga* que imperava nas águas do rio Tâmega (18). Por vezes, este culto não era consagrado a um determinado espírito divinizado, que tivesse seu reino sobrenatural no seio das águas, que a sua presença tornava sagradas e de efeitos salutares miraculosos; era o próprio elemento líquido que, deificado, tomava corpo e vida autónoma, sob o nome de *Aquae Sacrae*. No Museu Regional de Lagos (Algarve), existe uma ara proveniente das Caldas de Monchique dedicada às *Águas Sagradas* ou *Santas* (19), cuja inscrição o Arqueólogo Dr. José Formosinho, director daquele Museu, interpretou assim (20): *AQUI(s) / SACRI(s) / PATVL(cia) / T. F / V.S(l.m.)*, ou seja, *As Águas Sagradas, Patulcia, filha de Tito, cumpriu de boa mente este voto*.

Segundo Déchelette, já nos tempos neolíticos e no Bronze inicial se praticava em diversas nascentes termais o culto animista das

(14) MANUEL HELENO. *Antiguidades de Monte Real*, in *O Archeologo Portugues*, XXV, 9. *O Corpus I. L.*, II, Supl. regista, sob o nº 6277, uma inscrição a *Fontana*, procedente de Burguillos (Espanha), e outra de Bencatel, próximo de Vila Viçosa (*CIL*, II, nº 150). A esta última se refere também LEITE DE VASCONCELOS *Rel. da Lus.*, III, 256.

(15) CARLOS TEIXEIRA. *A Fonte do Idolo o e culto de Nabia*, in *Rev. Prisma*, Porto, 1938, p. 145. A chamada "Fonte do Idolo", ou "Idolo dos Granginhos", em Braga, possui uma extensa bibliografia, que se encontra relacionada no *Catálogo de Epigrafia* do Museu da Sociedade Martins Sarmiento, por Mário Cardozo (Guimarães, 1935, p. 32). Sobre a deusa *Nabia* veja-se LEITE DE VASCONCELOS *Rel. da Lus.*, II, 277 e III, 202 e 612, e FERMIN BOUZA-BREY, *La Mitología del Agua en el Noroeste Hispánico*, La Coruña, 1942, p. 26.

(16) MARIO CARDOZO. *Catálogo de Epigrafia* do Museu, da Soc. M. S. p. 27 e 28.

(17) FERMIN BOUZA-BREY, *Ob. cit.*, p. 26.

(18) MARIO CARDOZO, *Ob. cit.*, p. 19.

(19) *Águas Santas* ainda hoje é nome toponímico frequente. Existem lugares com este nome, por exemplo, nos Concelhos de Lamego, Vila Real. Maia e Póvoa de Lanhoso.

(20) JOSE FORMOSINHO. *Vestigios dos Romanos nas Caldas de Monchique*, Comunicação apresentada at *I Congresso Luso-Espanhol de Hidrologia*, Lisboa, 1948, p. 6-7 da Separata; MARIO LYSTER FRANCO. *As termas romanas de Monchique*, p. 9, Faro, 1945.

águas. Não são, contudo, em grande quantidade as aras consagradas às Ninfas, aparecidas na Península Hispânica. O *Corpus Inscriptio-num Latinarum* regista apenas oito achadas em Portugal e cerca de duas dezenas no resto da Península (21). As aras portuguesas, cujas inscrições se encontram coligidas nos volumes do *Corpus* publicados em 1869 e 1892 (volume II e seu grande Suplemento), podemos hoje acrescentar mais duas, uma das quais aparecida em 1949, na freguesia de S. João de Ponte, do Concelho de Guimarães, e outra em 1935, na freguesia da Horta da Vilarça, Concelho de Moncorvo.

Constituem estas duas últimas epígrafes, até agora inéditas, o objecto principal deste breve estudo, visto as oito restantes achadas em Portugal terem sido, como dissemos, já publicadas.

Existirão porventura, além destas dez, mais algumas inscrições às Ninfas, esquecidas em museus portugueses, ou ainda ignoradas, na posse de particulares? O inquérito a que procedemos nos museus arqueológicos nacionais, no intuito de o averiguar, foi, em parte, de resultados nulos, quer por falta de informação das pessoas a quem consultamos, quer pelo facto de aquelas que gentilmente atenderam a nossa solicitação, terem informado que, nos respectivos museus, não

---

(21) Registou igualmente Hübner tanto no *Corpus I. L.* como posteriormente nos *Monumenta Linguae Ibericae*, uma conhecida epigrafe latina rupestre, existente num terreno de mato próximo da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), legenda de muito duvidosa interpretação, que o sabio epigrafista germânico não incluiu no número das dedicadas às Ninfas, mas que o saudoso Prof. Leite de Vasconcelos considerou, todavia, como possivelmente consagrada a esta classe de divindades, visto conter uma denominação indígena latinizada *Fidueneorum*, que talvez queira aludir a umas *Nymphae Fiduenae*. Para a bibliografia deste curioso más indecifrado monumento epigráfico, consulte-se, a p. 34-35, o citado *Catálogo de Epigrafia* do Museu da Soc. M. S. Também numa das inscrições rupestres do Santuario de Panóias se encontra outro geneitivo do plural - *Lapitearum*, que Leite de Vasconcelos interpretou como sendo talvez um qualificativo indígena atribuída a determinadas Ninfas isto é, *Nymphae Lapiteae*. O sábio arqueólogo admitiu, contudo, que se pudesse tratar também do nome de um povo, mas não se inclinou para esta segunda hipótese, à qual faz referência em simples nota, a p. 468 do vol. III das suas *Religiões da Lusitania* (vide também o vol. II, 187). O conhecido recinto sagrado de Panóias (Concelho de Vila Real), descrito por Argote no séc. XVIII e cientificamente estudado por Leite Vasconcelos, mereceu ha poucos anos um novo trabalho ao Sr. Russell Cortez, no qual este arqueólogo perfilha a hipótese de o nome de Lapiteae ser designativo de um povo (F. RUSSELL CORTEZ, *Panóias cidade dos Lapiteas*, Porto, 1947, p. 8, 9 e 60).

existiam lápides consagradas a tais divindades (22). Reportando-nos portanto, apenas às lápides de que temos conhecimento directo ou indicações bibliográficas, o inventário total das de proveniência portuguesa resume-se no seguinte:

1 e 2) Duas aras em Caldelas (Braga), actualmente encastradas na face interior da parede do edifício da *buvette* das Termas:

CAEN	DAB
CIEN	NYM
NYM	PHIS
PHIS	EX VO
EX VO	TO
TO	

que Hübner interpretou respectivamente:

CAEN(*i*)CIEN(*us*) NYMPHIS EX VOTO, ou seja, *Cenicieno dedicou às Ninfas como voto, ou em cumprimento de voto.*

D(*e*)AB(*us*) NYMPHIS EX VOTO, *As deusas Ninfas como voto.*

Bibliografia. — *CIL*, II, *Supl.*, nº 5572 (= 2457); *Ephemeris Epigraphica*, VIII, p. 399; *O Archeologo Portugues*, XIV, 6; Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 258; *Correspondência inédita entre E. Hübner e Martins Sarmiento*, Guimarães, 1947, p. 162, 165, 204, 205 e 208.

3) Uma ara aparecida em 1885, num prédio da cidade de Guimarães. Actualmente no Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmiento (vide Fig. 1):

VRBAN<sup>~</sup>  
 PROCRY  
 SEDE  
 NYMPHIS  
 EX VOTO  
 POSVI

VRBANVS PRO CRYSEDE NYMPHIS EX VOTO POSVI(*t*).

*Por intenção de Crysis, erigiu Urbano esta ara como voto às Ninfas.*

(22) Conseguimos respostas dos Exmos. Directores dos Museus Arqueológicos de Abrantes, Aveiro, Beja, Bragança, Chaves, Coimbra, Évora, Figueira da Foz, Lisboa e Porto, aos quais neste lugar testemunhamos, mais uma vez, o nosso agradecimento. E, por intermédio do Arqueólogo Sr. Abel Viana, tivemos também notícia dos de S. Tiago de Cacém, Elvas e Lagos. Em nenhum dos referidos museus existem inscrições alusivas às Ninfas, nem ha conhecimento de epígrafes desta natureza nas respectivas regiões.

Bibliografia. — *CIL*, II, *Supl.*, nº 5569; *Eph. Epigr.*, IX, 100; *Revista de Guimarães*, XVIII, 45 e XXXVI, 64; L. Vasconcelos, *Rel. da Lus.*, III, 258; Martins Sarmento, *Dispersos*, Guimarães, 1933, p. 231, 258 e 307; *Corresp. Hübner-Sarmiento*, 266; Mário Cardozo, *Catálogo de Epigrafia* do Museu da Soc. Martins Sarmento, 51.

4) Uma encontrada em 1887, no passal da Igreja de Tagilde (Concelho de Guimarães), actualmente no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Apresenta a particularidade de conter um qualificativo indígena das Ninfas, por certo de carácter local (*Nymphae Lupianae*) (vide Fig. 2):

ANTONIA  
RVFINA  
VOTO NIN(p)  
HIS LVPIA  
NIS LIBEN(s)  
ANIMO  
POSVIT

ANTONIA RVFINA VOTO NINPHIS LVPIANIS LIBENS  
ANIMO POSVIT.

*Antónia Rufina erigiu de boa mente esta ara como voto às Ninfas Lupianas.*

Bibliografia.—*CIL* II, *Supl.*, nº 6288; *Rev. de Guimarães*, XI, 7 e XVIII, 8 e 52; Leite de Vasconcelos, *Rel. da Lus.*, II, 189, 190; Mário Cardozo *Catálogo de Epigr. do Museu da Soc. M. S.*, 33; *Corresp. epist. Hübner-Sarmiento*, 181, 183, 185, 187 e 189.

5) Uma, actualmente desaparecida, procedente de Santa Eulália de Barrosas, Concelho de Lousada (Porto), cuja inscrição, apesar de não conter explicitamente o usual dativo *Nymphis*, Hübner considerou também dedicada a estas divindades, por apresentar a denominação tópica ou adjectivação qualificativa *Castaecis*, possivelmente referente a determinadas Ninfas locais, ou seia, as *Nymphae Castaecae*:

REBVR  
RINVS  
LAPIDA  
RIVS.CA  
STAECIS  
V.L.(s)  
M

REBVRRINVS LAPIDARIVS (Nymphis) CASTAECIS V(otum)  
L(ibens) (Solvit) M(erito).

*Reburrino, canteiro, cumpriu de bom grado este voto às Ninfas Costecas.*

Bibliografia. — *CIL II*, nº 2404; Leite de Vasconcelos, *Rel. da Lus.*, II, 190; Argote, *Memórias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, II, 640.

6) Uma ara de origem transmontana, hoje desaparecida, procedente de Chaves. Existiu na esquina de uma casa da rua de Santa Maria daquela cidade:

(n)YMPH(i)S. AVR  
DION(y)S(i)VS  
AVG.LIB

NYMPHIS AVR(*elius*) DIONYSIVS AVG(*usti*) LIB(*ertus*).  
*Aurélio Dionísio, liberto de Augusto, dedicou esta ara às Ninfas.*

Bibliografia. — *CIL II*, nº 2474; Argote, *Memórias*, I, 275. Leite de Vasconcelos, *Rel. da Lus.*, III, 259.

7) Outra ara, igualmente do Concelho de Chaves, Lugar da Granginha, que Hübner considerou dedicada às Ninfas, e na qual quis interpretar, na 1ª linha (parece-nos que muito forçadamente), a palavra *Nymphis*. Por ser duvidosa a dedicatória, limitamo-nos a mencionar esta inscrição, que vem registada no Vol. II do *Corpus I. L.*, sob o nº 2475. Desconhece-se o seu actual paradeiro, se acaso não foi destruída.

8) Uma na Igreja de Santa Maria de Monforte, a sul de Portalegre (Alentejo):

NYMPHIS  
AVITVS  
PROCVLI  
F.PRO SA  
LVTE.FLA  
CCILLAE.FL  
ACCI.VC  
XORIS.SVAE  
V.L.A.S

NYMPHIS AVITVS PROCVLI F(*ilius*) PRO SALVTE FLACCI-  
LLAE FLACCI (*filia*) VCXORIS SVAE V(*otum*) L(*ibens*) A(*nimo*)  
S(*olvit*).

*Avito, filho de Próculo, cumpriu de boa mente este voto às Ninfas, pela saúde de sua esposa Flacila, filha de Flaco.*

Bibliografia. — *CIL II*, nº 168.

9) Uma ara, inédita, procedente da freguesia de S. João de Ponte (Concelho de Guimarães), actualmente no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Apareceu em 1949, junto do adro da Igreja paroquial (vide Fig. 3):

NYMPHIS  
G.SVLP.FES  
TVS.EX VOTO

NYMPHIS G(*allus*) SVLP(*icius*) FESTVS EX VOTO.  
*As Ninfas, como voto, consagrou Galo Sulpicio Festo.*

10) Finalmente, uma, também inédita, procedente da freguesia da Horta da Vilarica, aparecida em 1935, como se supõe, numa vinha da Quinta do Carrascal, daquela freguesia do Concelho de Moncorvo (Trás-os-Montes). Está esta ara, desde 1950, na posse do primeiro dos signatários deste pequeno estudo (vide Fig. 4):

D.NYM  
PHIS.V  
POSVI  
T.SIMP  
LICIA  
S.L.(a)

D(*iis*) (ou *Deabus*) NYMPHIS V(*otum*) POSVIT SIMPLICIA  
S(*olvit*) L(*ibens*) (*Animo*).

*As deusas Ninfas, Simplícia erigiu de boa mente esta ara.*

Dispensamo-nos de qualquer comentário ou novo estudo, relativamente às lápides já publicadas e interpretadas de há muito, das quais damos portanto apenas a respectiva bibliografia.

Quanto às duas últimas, até agora inéditas, salvas de extravio ou destruição total, uma por cada qual dos signatários deste artigo, parece-nos útil registar aqui alguns informes relativos às condições do seu achado.

A ara de S. João de Ponte apareceu em 7 de Maio de 1949, quando se procedia à demolição das paredes de uma pequena casa rústica, situada próximo da Igreja paroquial, para alargamento do adro da

mesma igreja. Dela deu noticia, ao segundo dos signatários, o senhor Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, proprietário naquela freguesia, tendo mais tarde sido oferecida ao Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, pela Junta da freguesia, após repetidas diligências da Sociedade, pois o pároco considerava a lápide como propriedade sua, ou da Igreja. Deu entrada no Museu em 14 de Junho do mesmo año (23).

Tem esta ara as dimensões seguintes: 73 cm. de altura, 17 dos quais são ocupados pela cornija da parte superior, e 14 pelo moldurado da base. A sua maior largura, tomada na cornija ou na base, é de 39 cm., e a sua espessura de 29,5 cm. O pano central, contendo *foculus* a ás volutas laterais (*cornua*), foi destruída. É de granito de grão fino, pouco rijo, fácil de trabalhar. As letras, que medem 6 cm. pouco rijo, fácil portanto de trabalhar. As letras, que medem 6 cm. de alto, são capitais de boa forma, gravadas com cuidado e elegância. Não nos atreveremos, contudo, a tirar do simples aspecto desta inscrição conclusões de caracter cronológico demasiado precisas, pois, como ensina Cagnat, tal método pode levar a conclusões erróneas (24). Ora as inscrições hispano-romanas dedicadas às divindades mais conhecidas, do Panteão clássico, especialmente as procedentes das regiões do norte e noroeste, onde a penetração da civilização latina foi bastante mais tardia do que no centro ou na zona mediterrânea, devem proceder de populações já intensamente influenciadas pela Romanização. A ara de S. João de Ponte deverá ser, portanto, talvez já do século II, ou mesmo III de J. C., da época do Baixo Império.

Os dois primeiros nomes do dedicante desta ara, indicados em abreviatura, são naturalmente *Gallus* ou *Gallius*, e *Sulpicius*. Tanto este último, como o nome de *Festus*, que se lhe segue, são vulgarísimos nas inscrições peninsulares.

A outra ara, até agora igualmente inédita, apareceu na freguesia da Horta da Vilariça, Concelho de Moncorvo, e foi oferecida em 4 de abril de 1950 ao primeiro dos signatários deste artigo pelo Sr. Francisco Guilherme Miller Guerra, filho do proprietário da Quinta do Carrascal, no termo da mesma freguesia. Por informações então recolhidas directamente do ofertante, a lápide fôra encontrada haveria pelo menos uns 15 anos, no sitio chamado Barral da Ribeira de Vilariça, numa vinha na margen direita da mesma ribeira, e do

---

(23) Vide *Revista de Guimarães*, vol. LIX (1949), p. 278.

(24) R. CAGNAT, *Cours d' Epigraphie Latine*. Paris, 1914, p. 5.

lado de cima do caminho que da estrada conduz à quinta. Tinha sido posteriormente colocada à borda desse caminho, um pouco enterrada e como que a servir de banco. Apresenta esta ara as dimensões de 62 cm. de altura, por 29 de largo e 22 de espessura. A sua

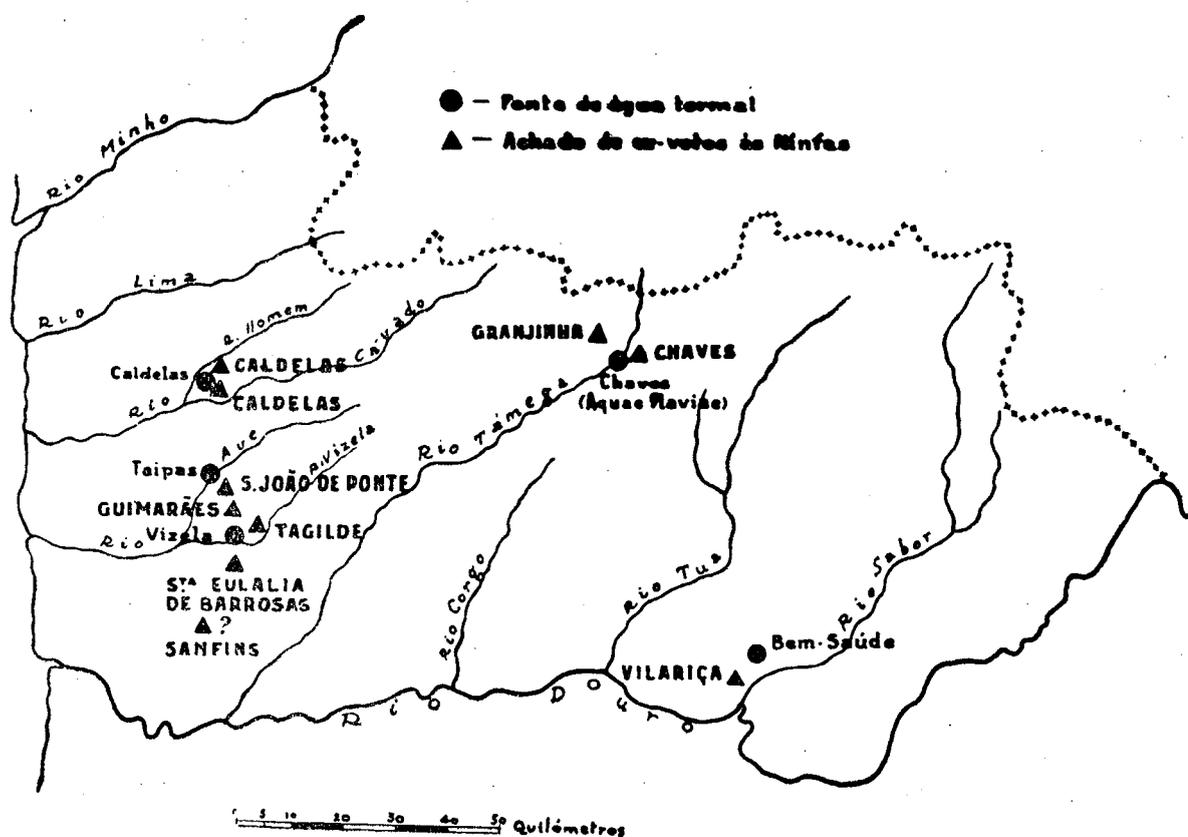


Fig. 5. — Região portuguesa a norte do rio Douro, onde apareceram aras dedicadas às *Nymphae*, e indicação das Termas próximas.

base ou soco mede 18 cm. de alto por 26 de largo. Remata na parte de cima por uma cornija moldurada de 16 cm. de alto.

No topo superior mostra, bem nítida, a cavidade redonda do *foculus*, de 6 cm. de diâmetro por 2 de fundo, de onde irradiam em diagonal, para cada um dos quatro ângulos da pedra, nervuras relevadas em meia cana. A face rectangular central, onde está gravada a inscrição, tem 22 cm. de largo por 24 de alto.

O aspecto que o trabalho da ara apresenta é rude e grosseiro, e as letras, igualmente trabalhadas pelo lapicida com manifesta imperícia, são capitais rústicas de tipo arcaizante. Não é de atribuir contudo, por este facto, uma maior antiguidade a esta ara. Como já, em carta para Martins Sarmiento, Hübner chamava a atenção do

insigne Arqueólogo vimaranense, as inscrições da Hispânia, mesmo as da época mais recente, revelam por vezes um caracter de barbarismo, quer no seu afastamento das fórmulas e regras gerais da epigrafia romana, quer no traçado deselegante das letras (25).

O Vale da Vilariça está cercado de montes onde existe para cima de uma dúzia de castros, alguns dos quais já visitados pelo primeiro dos signatários deste estudo. Precisamente em frente à Quinta do Carrascal, para leste, fica o Castro da Senhora do Castelo, freguesia da Adeganha. Para sudeste, e a pouco mais de um quilómetro, fica o Castro de Baldoeiro, ou *Civitas Baniensium* (26). Ora, dada a proximidade destes castros, bem podia a ara ser procedente de qualquer deles.

Mas, por outro lado, a cerca de dois quilómetros da Quinta, e também na margem direita da Ribeira da Vilariça, ficam situadas as águas medicinais de Bem Saúde, de longa data usadas pelo povo da região. Não parece temerário supor que esta ara tivesse sido arrastada, na corrente dos enxurros desde Bem Saúde até ao Barral da Ribeira, dado o ímpeto que as águas ali tomam no inverno. Em 1909, a força e o volume das águas foi tal, que alguns abarracamentos e edifícios de Bem Saúde ficaram destruídos e, em grande parte, foram levados pelas enxurradas. Precisamente o local da nascente ficou soterrado com tamanha quantidade de pedras, areia e terra que a exploração daquelas águas termais foi suspensa. Mas, quer esta ara encontrada na Vilariça fosse realmente deslocada pela torrente caudalosa dos enxurros, quer intencionalmente deslocada do seu primitivo lugar, é lícito admitir que ela tenha sido dedicada às Ninfas da Fonte de Bem Saúde, designação sugestiva da benéfica nascente, onde, desde remotos tempos, os povos daquelas redondezas vão procurar alívio para seus padecimentos.

Quanto ao nome de *Simplicia*, que nesta inscrição figura como dedicante, é um antropónimo de nítida formação latina, todavia raro

---

(25) Vide *Correspondência epistolar inédita entre Emilio Hübner e Martins Sarmiento*, Guimarães, 1947, p. 87-88.

(26) Os *Banienses* figuram na célebre inscrição da Ponte de Alcântara. A localização provável da *Civitas Baniensium* deve-se a ter sido achada na Vilariça uma lápide consagrada a Júpiter e àquela Civitas, ou antes, ao *Génio da Civitas*, a qual se encontra actualmente no Museu Etnológico de Belém (Lisboa). Acerca da bibliografia dessa ara vide a *Correspondência Hübner-Sarmiento cit.*, p. 223. Consulte-se igualmente AFONSO PEREIRA CABRAL, *Castrum Baniensium in Ilustração Transmontana*, 3º ano, 1910, p. 58-64, 11 figs.; SANTOS JUNIOR, *As serpentes gravadas do Castro de Baldoeiro (Moncorvo - Trás-os-Montes)*, in *Actas do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica*, realizado em Portugal em 1930, Paris, 1931.

nas inscrições peninsulares, pois apenas uma vez aparece registado no *Corpus*, na forma masculina, dado como existente numa epígrafe encontrada em Aranjuez (27).

Resta-nos deixar aqui registadas algumas breves considerações a propósito da distribuição das aras consagradas às Ninfas, não só em Portugal como no resto da Península.

No nosso país é curioso e elucidativo notar-se (vide mapa junto, Fig. 5) que, à excepção da lápide alentejana aparecida em Monforte, a sul de Portalegre (28), todas as restantes aras às Ninfas foram achadas a norte do Douro (29); e, facto mais importante ainda, todas elas nas proximidades de nascentes termas. Assim, as de Barrosas, Tagilde, Guimarães, S. João de Ponte e Caldelas agrupam-se no Baixo-Minho, a curtas distâncias umas das outras, segundo uma linha na direcção aproximada de SE-NO, que passa precisamente pelas termas de Vizela, Taipas e Caldelas. Quanto às transmontanas, as duas de Chaves, infelizmente ambas desaparecidas, foram também, sem dúvida alguma, dedicadas às Ninfas de *Aquae Flaviae*. Finalmente, a aparecida na Vilariça é de supor que proviesse, como se disse, da Fonte de Bem Saúde.

Destas localizações das lápides às Ninfas, até hoje aparecidas no nosso país, é lícito concluir que tais divindades presidiam, entre os nossos antepassados proto-históricos, muito especialmente às virtudes curativas das águas termas.

Quanto às aparecidas noutras regiões da Península, não possuímos dados seguros que nos habilitem a formular uma afirmação concorde com o que se nota em Portugal. Reportando-nos apenas ao *Corpus I. L.*, podemos contudo verificar que o maior núcleo das aras às Ninfas encontradas em Espanha se concentra nas regiões do

(27) *CIL*, II, nº 4796, 31.

(28) Supoz-ze por muito tempo que era nesta região, das proximidades de Portalegre, que se devia localizar o território da antiga *Civitas Ammaikensis*, já conhecida por alguns textos epigráficos e literários gregos e latinos. Uma lápide aparecida em Aramenha, Concelho de Marvão, em 1931, veio porém esclarecer que é nesta localidade que se deve situar a cidade de *Ammaia*. (Vide LEITE DE VASCONCELOS, *Localização da Cidade de Ammaia*, in *Rev. Ethnos*, Lisboa, vol. I, 1935).

(29) É um facto digno de registo que, num mapa de Portugal contendo a distribuição de nomes tópicos provenientes do nome comum *fonte* e seus derivados, elaborado pela Dr<sup>a</sup> D. Virginia Rau (Vide a sua Comunicação apresentada em 1949 ao XVI Congresso Internacional de Geografia, sob o título *La toponymie et le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques*), se nota uma grande densidade desses nomes, tornados próprios no decurso do tempo, especialmente na parte ocidental da região a norte do Douro. Não admira portanto que numa região onde as fontes abundam mais e deram nome aos lugares, fôsse também aí mais intensamente divulgado o culto às divindades que presidiam às nascentes de água.

Noroeste (Bande, Cuntis, Orense, Alongos, junto do rio Minho, etc.), algumas delas também procedentes de lugares onde existem nascentes de águas termais (30). Outro agrupamento ocupa a região central, tes de águas termais, como as de S. Juan de Baños (Lugo) e de Caldas de Cuntis (26). Outro agrupamento ocupa a região central, das duas Castelas, tendo essas lápides sido encontradas em Talavera, Salamanca e Alcalá. Finalmente, da parte sul e oriental, menciona o *Corpus* apenas duas aras, de Mérida e Sevilha, e outras duas de Liria e Tarragona. A proveniente desta última região alude, na respectiva epígrafe, às *Nymphae Calidae*, o que bem claramente indica a sua procedência de alguma nascente de águas quentes.

---

(30) Igualmente Bouza-Brey acentua que muitas fontes importantes tiveram seu culto no Noroeste Hispánico, especialmente na Galiza. (Vide *Ob. cit.*, p. 25), e que, nesta região, as ninfas mais veneradas foram as das águas termais (FLORENTINO CUEVILLAS e BOUZA-BREY, *Os Oestrimnios, os Saejes e a Ojiolatria en Galiza*, in *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Santiago de Compostela, vol. II, 1929, p. 102).